

## Maristella Petti entrevista a Nuno Júdice

Intelectual poliédrico, Nuno Júdice é reconhecido a nível mundial como um dos autores mais representativos da cultura lusófona contemporânea. Além de escritor, diretor de revistas, crítico e tradutor, é também professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A produção escrita dele focaliza-se em temas contemporâneos e na necessidade daquele retorno ao real que foi o fim principal da geração de 70 à qual é associado pela crítica portuguesa (pois ele debutou, como poeta, em 1972). As obras dele, pluripremiadas, são traduzidas em Espanha, Itália, Inglaterra e França, e também ultramar.

*Poeta, ficcionista, ensaísta, professor... Quem é Nuno Júdice? O senhor professor conseguiu realizar os sonhos profissionais que tinha quando era criança, ou o seu percurso de vida afasta-se completamente da ideia inicial?*

Desde muito novo que a literatura e a poesia entraram na minha vida. Comecei a escrever poemas ainda criança, e continuei a fazê-lo ao longo dos anos. Fui também um leitor constante e julgo que fiz todas as leituras indispensáveis para a minha formação como escritor.

Também decidi muito cedo que queria seguir o ramo das Letras, e fiz uma carreira de professor universitário que correspondeu ao meu desejo de realização profissional.

*O Congresso do CILBRA foi feito numa cidade universitária, organizado em parte por estudantes. Considerando também o seu contacto com os jovens devido à sua função de professor, o que o senhor pensa sobre os mais novos e sobre o relacionamento deles com o mundo atual, cheio de contradições e de perda de valores humanos? Existe algo que o senhor reconhece de si mesmo nos jovens de hoje?*

Ao longo de muitos anos de ensino, e de ter contactado com várias gerações de estudantes, nunca senti qualquer desânimo com a qualidade dos meus estudantes. Julgo ter contribuído para abrir novas perspectivas de compreensão daquilo que é a criação literária, e espero tê-lo feito a partir de uma experiência do prazer da literatura. E confesso que nunca me senti diferente dos meus alunos, no plano dessa relação de descoberta do texto a partir daquilo que o faz viver quando o lemos.

*Qual é o papel da cultura, qual o papel da poesia nesta Europa que [...] atravança os passeios da memória / e obriga a empurrá-la para deixar passar / os que chegam [...]? Qual o futuro delas?*

Se a Europa sobreviveu a séculos de crises, guerras, massacres, genocídios, perseguições de todo o tipo, isso deve-se a ser também o continente que produziu a grande arte e a grande literatura que chegou até nós e constitui uma herança que temos de valorizar e continuar. Vivemos uma nova época de crise, em que a violência tem a forma mais subtil da ditadura de pressões económicas globais, e mais uma vez é à literatura e à poesia que devemos a permanência de um espírito europeu, para lá das línguas e das fronteiras que nos separam.

*Eu leio muito: ensaios, romances, poemas, jornais, revistas; porém, nem todos os meus coetâneos lêem. Quais são os livros que o senhor aconselharia a um estudante universitário, já que são fundamentais para a formação do indivíduo?*

Não me sinto com a autoridade de fazer recomendações desse tipo. Cada literatura e cada cultura tem uma biblioteca que se impõe sem que seja preciso fazer selecções redutoras. Posso no entanto referir os poetas que me marcaram: Camões, Fernando Pessoa, Rilke, Eliot, Montale, Rimbaud.

*Falando de livros, mais uma curiosidade: o que o senhor lê mais frequentemente? Qual a obra que foi mais importante na sua vida?*

Regresso sempre a Álvaro de Campos, o heterónimo modernista de Pessoa. Todos os seus poemas, sem excepção, são fundamentais, mas talvez destaque a «Tabacaria».

*O nome do nosso Congresso foi Culturas e literaturas em diálogo: identidades em movimento. Como o senhor é também tradutor, gostaria de conhecer a sua opinião sobre um assunto tão complexo como a tradução de obras poéticas. Possível ou não traduzir poesia?*

É uma questão que se levanta sempre quando se fala de tradução de poesia. Um dos aspectos centrais do texto poético é a sua música, decorrente da língua em que é escrita. É algo que se perde, sem dúvida; mas há a possibilidade de encontrar, na língua de chegada, equivalências para essa sugestão musical. O que é importante para o tradutor de poesia é fazer com que, ao ler o poema traduzido, o leitor sinta algo de equivalente ao que se tem ao ler o original.

*Passemos à realidade italiana: qual é o primeiro pensamento que lhe surge sobre esse país? Peça que seja sincero, qualquer que seja esse pensamento.*

Para mim a Itália é o país da Arte nos seus aspectos mais altos: pintura, arquitectura, escultura, cinema, e também da Literatura. Li muito novo «A Divina Comédia», e foi um poema que continua a marcar o meu imaginário. E é também o espaço em que surgiu a cultura que nos formou, na era romana, a cujos poetas regresso sempre para redescobrir temas e imagens que são inesgotáveis. É por outro lado a origem da minha família porque os Júdictes portugueses vieram de um genovês que se instalou primeiro em Lisboa, e depois no Algarve, no século XVIII. Acabo de publicar uma novela, «A conspiração Cellamare», em que falo dessa minha remota ligação com Itália.

*Hoje em dia, estamos a viver um período em que muitos jovens saem da Itália em busca de algo que nem sempre encontram porque nem sempre sabem o que querem de verdade: falam de trabalho, de direitos, de algo que parece existir em todas as nações da Europa menos na nossa; visto que são muitos os que tomam essa decisão, acabam por se reunir e formar uma pequena Itália em outro país, refutando assim a integração. Pessoalmente acho essa atitude um pouco infeliz, porque não tem em conta nem as possibilidades que oferece a Itália nem as riquezas que uma viagem por outra cultura pode trazer. Mesmo conhecendo já os seus Preparativos de viagem, gostaria de saber qual é a sua ideia de viagem.*

A minha ideia de viagem ficou muito bem desenhada quando, há já muitos anos, tive uma crónica regular num jornal e a pessoa que me convidou encontrou um título para essas crónicas, tirado de um filme: «Turista acidental». É uma definição que me serve perfeitamente. Nunca segui guias nem roteiros e descubro as cidades andando a pé, ao ritmo de uma descoberta de acaso – e talvez tenha nascido daqui o meu título «Navegação de acaso». Quanto ao que hoje se passa com os jovens, não

só de Itália mas também de Portugal e de outros países da Europa em crise, obrigados a emigrar para encontrar trabalho, é uma consequência da globalização e só é negativo porque, muitas vezes, não é uma escolha pessoal mas uma imposição das circunstâncias. No entanto, é algo que faz parte de um mundo em que as distâncias se reduziram com a facilidade dos transportes e os novos meios de comunicação, as empresas são internacionais, e a própria universidade estimula essas deslocações. O ideal seria uma integração nos espaços de chegada, e não uma segregação. Penso que Portugal é um país que não oferece dificuldade nesse aspecto, e pelo que ouço o mesmo sucede com a Itália. É a tradição mediterrânica de acolhimento que devíamos valorizar.

*Pessoalmente amo a Itália, mas comecei a adorá-la só quando realizei o meu intercâmbio por seis meses no outro hemisfério: descobrindo o Outro redescobri eu mesma, reconheci o meu ser italiana. Qual o relacionamento do senhor professor com Portugal?*

Só descobrimos a profundidade dessa relação quando passamos algum tempo fora do país. Foi o que me sucedeu quando vivi alguns anos na Suíça, e depois em Paris, embora Paris seja, de certo modo, uma cidade muito ligada à cultura portuguesa desde o século XIX. Uma das nossas características é o hipercriticismo em relação a nós, a desvalorização do que somos, o menosprezo pela nossa cultura; mas quando pomos de lado essa tradição que vem do século das Luzes, na segunda metade do século XVIII quando o Cavaleiro de Oliveira chamou a Portugal o «reino cadaverosos», vemos que o país tem uma capacidade de regeneração e de sobrevivência que decorre de uma qualidade do clima, da terra e das gentes que o tornam único para viver com qualidade humana, superior aos defeitos que possam existir.